

# Jornalismo e a vontade de verdade: uma análise das estratégias discursivas no Caso Escola Base

## *Journalism and the Truth Will: An Analysis of Discursive Strategies in the Escola Base Case*

**Leandro Martins de Sousa**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) | CAPES | Belo Horizonte | MG | BR  
leandro.professorerevisor@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-3405-902X>.

**Mariana Queiroga Gomes**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) | CAPES | Belo Horizonte | MG | BR  
marianaqueirogag@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-0584-5390>

**Resumo:** Tendo em vista o poder que o jornalismo e os meios de comunicação apresentam e a vontade de verdade que eles visam a gerar, este artigo tem como *corpus* de análise o Caso Escola Base, que aconteceu entre março e junho de 1994, em São Paulo (SP). Este trabalho busca analisar as estratégias discursivas nas reportagens sobre o Caso Escola Base veiculadas pelo Jornal Nacional, a partir de investigação do repórter Valmir Salaro, e nas manchetes de jornais publicados na época, para a construção da vontade de verdade. À luz da Análise do Discurso, fundamentamo-nos em Foucault (2011), bem como em Sargentini e Carvalho (2021), Marques (2021) e Possenti (2021). Como metodologia, recorremos a alguns recortes do documentário *Escola Base - Um repórter enfrenta o passado*, disponível no Globoplay, a partir dos quais pesquisamos as estratégias discursivas nas reportagens veiculadas na época.

**Palavras-chave:** Escola Base; jornalismo; meios de comunicação; vontade de verdade; estratégias discursivas.

**Abstract:** Considering the power that journalism and media have and the will to truth that they aim to generate, this article has as its *corpus* of analysis the Case of Escola Base, an event that happened between March and June 1994, in São Paulo (SP). This paper seeks to analyze the discursive strategies in the investigation about the Escola Base Case by reporter Valmir Salaro, which were aired on Jornal Nacional, and in the headlines of newspapers published at the time, for the construction of the will to truth. In the light of Discourse Analysis, we base our proposal on authors such as Foucault (2011),



Sargentini and Carvalho (2021), Marques (2021), and Possenti (2021). As a methodology, we studied some clippings of the documentary *Escola Base - Um repórter enfrenta o passado*, available on Globoplay, in which we researched the discursive strategies in the reports published at the time.

**Keywords:** Escola Base; journalism; media; true will; discursive strategies.

## 1 Introdução

Partindo do pressuposto de que uma sociedade democrática se constitui a partir dos Três Poderes (o Executivo, o Legislativo e o Judiciário), o Jornalismo e os meios de comunicação se estabelecem como Quarto Poder (ou Quarto Estado), dada a capacidade de exercerem influência na sociedade. Isso pode ser evidenciado pela atuação da imprensa no corpo social mediante “notícias e entretenimento de todos os tipos e que são levadas ao grande público (hoje, de diversas formas e meios possíveis), com temas desde política, eleições, debates importantes para a sociedade, acontecimentos, descobertas e inovações, moda e saúde” (Sousa, 2021). Sob esse viés, compreendemos a concepção de poder assim como Foucault, que o entende não como “um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas” (Foucault, 2011, p. 69-70).

Desse modo, vale ressaltar que, segundo Marques (2021, p. 144),

o discurso jornalístico de informação tem, nomeadamente, a objetividade como desiderato, mas este não pode ser tomado de forma absoluta. Mais ainda, há que sublinhar que esta pretensão que regula o trabalho jornalístico (associada também objetivos de imparcialidade e neutralidade), não faz do discurso de formação um espelho da sociedade que dá conhecer a verdade e tal e qual aconteceu, mesmo se é uma utopia necessária e fundadora (Koren, 2006), enquanto o horizonte inatingível, mas imprescindível à deontologia jornalística (Marques, 2021, p. 144).

Tendo em vista o poder que o Jornalismo e os meios de comunicação apresentam e a vontade de verdade que eles visam a gerar, este artigo tem como *corpus* de análise o Caso Escola Base, fato que aconteceu entre março e junho de 1994, em São Paulo (SP). Nesse episódio, duas mães acusaram os donos da escola, uma professora e o motorista do transporte escolar de abuso sexual. O caso ganhou repercussão nacional e, depois que um laudo da perícia deu positivo para o abuso sexual de uma das crianças, a escola foi depredada, os acusados foram ameaçados e torturados. Alguns meses depois, os mesmos profissionais do IML (Instituto Médico Legal) refizeram o exame e constataram como negativo. Na verdade, o

“abuso” era prisão de ventre da criança. Esse caso nos mostra como informações mal apuradas e disseminadas pela mídia podem acabar com a vida das pessoas.

Sendo assim, este trabalho busca analisar as estratégias discursivas nas reportagens sobre o Caso Escola Base veiculadas pela Rede Globo, por meio do repórter Valmir Salaro, bem como manchetes de jornais publicados na época, para a construção da vontade de verdade, posto que “muitas ações nas quais se manifesta algum tipo de poder (ou de desejo de poder) [...] pretendem sustentar-se em discursos de verdade” (Possenti, 2021, p. 71).

Nesse sentido, este artigo, à luz da Análise do Discurso Crítica, fundamenta-se teoricamente na obra de Michel Foucault, “A ordem do discurso”, com o fito de discorrer acerca da vontade de verdade do Jornalismo ao noticiar um caso que ganhou notoriedade nacional na década de 1990, vontade esta que “apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas” (Foucault, 2011, p. 17), como poderemos perceber na análise que pretendemos fazer. Também nos embasamos em Sargentini e Carvalho (2021), Marques (2021) e Possenti (2021), os quais tratam, respectivamente, sobre a vontade de verdade nos discursos, a verdade dos outros e jogos de verdade.

A escolha por tratarmos das estratégias discursivas se justifica pelo fato de que há técnicas e procedimentos que “são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro” (Foucault, 2011, p. 2014 *apud* Sargentini; Carvalho, 2021, p. 76). Já a escolha do *corpus* se justifica em razão de que, após 28 anos do caso, a plataforma digital Globoplay produz o documentário *Escola Base - Um repórter enfrenta o passado*, no qual Valmir Salaro, jornalista responsável pela cobertura do Caso Escola Base, revisita a acusação infundada de abuso contra crianças em uma escola de São Paulo e os erros cometidos pela imprensa que marcaram a vida dos acusados.

## 2 Contextualização do Caso Escola Base<sup>1</sup>

Em março de 1994, em São Paulo (SP), os donos da Escola de Educação Infantil Base, uma professora e o motorista do transporte escolar foram acusados, por duas mães, de abusarem sexualmente de seus filhos. Embora não tivesse maiores provas, o Caso Escola Base recebeu grande repercussão a partir da cobertura da imprensa, juntamente com a conduta precipitada da polícia.

Lúcia Eiko Tanoue e Cléa Parente de Carvalho, mães de crianças que estudavam na Escola Base, notaram comportamentos estranhos em seus filhos e acusaram os donos da escola, Icushiro Shimada e Maria Aparecida Shimada, a professora Paula Milhim Alvarenga e seu marido, Maurício Monteiro Alvarenga – o motorista da Kombi que levava as crianças para a escola – de fazerem orgias com as crianças de quatro anos de idade.

As mães das crianças prestaram queixa na delegacia, e o delegado Edécio Lemos, responsável pela investigação, enviou as crianças ao IML e expediu um mandado de apreensão ao apartamento onde, supostamente, as crianças eram abusadas. Apesar de nenhuma prova ser encontrada, as mães foram à mídia alegando que seus filhos apresentavam lesões que

---

<sup>1</sup> Informações retiradas de uma matéria do site “Aventuras na História” intitulada *Escola Base: falsa acusação que marcou o país vira documentário*.

podiam ser de atos sexuais e, a partir de então, os acusados já eram considerados, pelo delegado e pela população, culpados antes mesmo de serem julgados judicialmente.

A mídia, na época, começou a noticiar o caso, que ganhou grande repercussão no Brasil todo. O jornalista Valmir Salaro foi o primeiro profissional da mídia a fazer a cobertura do caso e, em razão da veiculação de uma série de notícias cuja veracidade não havia sido comprovada, os suspeitos tiveram suas reputações destruídas, tendo a escola e suas casas depredadas.

Tempos depois, após o exame de uma das crianças ser feito, foi constatado que o resultado era inconclusivo, posto que o laudo apontava para a probabilidade de o menino sofrer de prisão de ventre, fato que foi confirmado pela própria mãe da criança. Em junho, três meses depois do início do caso, todos os acusados foram inocentados por Gérson de Carvalho, um dos delegados que assumiram a investigação, e diversos processos foram movidos contra o Estado e os meios de comunicação. A mídia foi acusada de não retratar a verdade de fato e, em vez de dizer que os acusados eram inocentes, ela apenas declarou que as investigações haviam sido encerradas por falta de provas. Embora inocentados, os suspeitos tiveram danos materiais, financeiros, morais e psicológicos, sendo que Maria Aparecida e Icushiro faleceram, respectivamente em 2007 e 2014, sem receber todo o dinheiro da indenização.

Desde então, o Caso Escola Base se tornou objeto de estudo em faculdades, universidades e seminários em diversos campos e cursos, como Jornalismo, Direito, Psicologia, Ciências Sociais, demonstrando que a cobertura da imprensa contribuiu para a disseminação de calúnia, difamação, injúria e danos morais contra os suspeitos, sem dar a eles o direito de se defenderem. Após 28 anos, a Globo lança, na plataforma digital Globoplay, o documentário *Escola Base – Um repórter enfrenta o passado*, que retrata o reencontro de Valmir Salaro com os acusados e expõe os erros cometidos pela imprensa que marcaram a vida deles.

### 3 A vontade de verdade no Caso Escola Base

Queremos, com o nosso *corpus*, analisar, como já dito, as estratégias discursivas nas reportagens do Caso Escola Base veiculadas pela Rede Globo, para a construção da vontade de verdade. É preciso, a priori, compreendermos a concepção de verdade, para tal nos embasamos em Foucault (2001, p. 407 *apud* Sargentini; Carvalho, 2021, p. 74), que entende por verdade “o conjunto dos procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados verdadeiros, como veremos. Não há absolutamente instância suprema”. Nesse sentido, vale dizer que Foucault não se refere a qualquer verdade, isto é,

não se trata nem mesmo das verdades da filosofia, do direito ou do jornalismo (mesmo quando ele, eventualmente, é tratado como história do presente). Trata-se sempre das verdades produzidas segundo os regimes discursivos especiais, os dos saberes ou das ciências – que exigem delimitações, métodos, sujeitos de conhecimento “treinados” etc. (Possenti, 2021, p. 62).

Com isso, evidenciamos que “o que se atinge é uma vontade de verdade ou uma política da verdade estabelecida por uma história dos jogos de verdade” (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 75). A partir disso, compreendemos que a vontade de verdade que a mídia se propõe se faz por meio de algumas estratégias, a saber: da reportagem, das imagens, dos laudos, dos depoimentos e dos jornais, que serão analisados a seguir.

### 3.1 Reportagem da Globo

O sociólogo Castells (2013) afirma que hoje o nosso contexto da comunicação é um contexto híbrido, isto é, hoje ainda temos as mídias de massa, tais como jornais, revistas, livros, televisão, etc., mas nós também podemos alcançar um público ou até mesmo “massas” com as nossas publicações e postagens nas redes sociais. Contudo, na época em que aconteceu o Caso Escola Base, não era assim. As pessoas não tinham esse poder, uma vez que as informações só chegavam por meio dos rádios, jornais ou TV. Em outras palavras, a comunicação fluía em uma única direção e não em múltiplas direções e sentidos como atualmente. Pensando nisso, podemos dizer que “o discurso jornalístico é [...] um dos tipos de discurso – ou uma área da atividade verbal – definido como estruturador da sociedade, que convoca de forma sistemática a questão da verdade jornalística (da pós-verdade, que alguns reformulam, sintomaticamente como pós-jornalismo)” (Marques, 2021, p. 144).

Essa pequena introdução do universo da comunicação objetiva contextualizar e mostrar a importância que teve a primeira matéria sobre o Caso Escola Base, exibida no horário nobre da maior emissora do país, Rede Globo. O furo de reportagem foi apresentado pelo JN (Jornal Nacional) em março de 1994, um dia após a denúncia de abuso sexual feita. A repercussão foi tão grande, que, no dia seguinte, a escola foi cercada por jornalistas de várias emissoras.

Dessa forma, a proposta desta seção é analisar quais foram as estratégias discursivas utilizadas nessa primeira matéria exibida no JN para construir os efeitos de verdade, levando em consideração “um procedimento de construção discursiva que visa assegurar a objetividade, a credibilidade e, por consequência, a verdade dos conteúdos veiculados” (Marques, 2021, p. 147). Para tal, valemo-nos de Foucault (2011), quando aponta que a verdade é influenciada pelo poder, nesse caso o poder da sociedade que é construído por meio do poder midiático, bem como os elementos discursivos e não discursivos. Começamos pela chamada inicial da reportagem feita pelo jornalista Sérgio Chapelin:

Trecho 1: [Sérgio Chapelin] Os donos de uma escola de São Paulo são acusados de abuso sexual contra crianças de até quatro anos de idade. Elas contam que eram tiradas das salas de aula para assistir e participar de fotos e vídeos eróticos (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

No primeiro momento da chamada, o jornalista cita o fato concreto: a acusação de abuso sexual. Em seguida, ele cita o que foi “dito” pelas crianças. Nesse ponto, para a construção do efeito de verdade, o jornalista se vale de possíveis narrativas das crianças. Contudo, é preciso pensar que não houve nenhuma apuração do que foi dito por elas e nem em que condições esses discursos foram ditos. Nesse trecho, o JN utiliza de um léxico formal quando cita “fotos e vídeos eróticos”, certamente as crianças não disseram dessa forma e o inusitado tem por finalidade escandalizar. Ainda, é importante observar a escolha da forma verbal “eram”, conjugada no pretérito imperfeito, indicando uma ação com valor de repetição, o que

demonstra que o evento se repetiu no passado. Nesse contexto, optar por essa conjugação é deixar subjacente que o fato aconteceu mais de uma vez.

Em seguida, a reportagem é conduzida pelo repórter Valmir Salaro, que está na porta da escola; ele afirma o seguinte:

Trecho 2: “[Valmir Salaro] A fachada da Pré-escola Base, na região central de São Paulo, pode esconder uma agência que alugava crianças para fotos e vídeos pornográficos” (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Assim como a chamada da reportagem, Valmir Salaro utiliza de um vocabulário que escandaliza: “fotos e vídeos pornográficos”. Além disso, apresenta a informação de que a escola poderia esconder uma agência que alugava crianças para fazer essas fotos e vídeos. Nesse trecho, tal como anteriormente, utiliza o verbo “alugar” no pretérito imperfeito, “alugava”, provocando o efeito de sentido de repetição da situação. Contudo, novamente, os fatos não foram apurados para se fazer tal afirmação. A reportagem continua e o jornalista afirma:

Trecho 3: [Valmir Salaro] Quando os pais iam buscar os filhos, não sabiam que, no horário da aula, *eles tinham saído para sofrer todo tipo de abuso sexual. As crianças contaram que eram levadas para uma grande casa, com muitos aparelhos eletrônicos e jardins.* (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022, grifo próprio).

Nesse momento da reportagem, é importante observar os elementos não verbais. Enquanto o trecho em negrito era dito por Valmir, aparecia a seguinte imagem:

Imagem 1 – Placa da Escola Base



Fonte: documentário *Escola Base – Um repórter enfrenta o passado* (2022)

Mostrar a imagem dessa placa, que informa que a escola tem atividades de passeios e excursões, justamente quando é dito que as crianças saíam da escola para sofrer todo tipo de abuso e que também eram levadas para uma casa grande, tem o objetivo de construir os efeitos de verdade, ou seja, para o público inferir que essas excursões e atividades estavam relacionadas com o lugar a que as crianças eram conduzidas para sofrer os abusos. Essa estratégia

torna “visível e legível uma interpretação dos acontecimentos levado a cabo pelo locutor, e criar condições de lisibilidade dos acontecimentos” (Marques, 2021, p. 151). Assim, mostrar uma imagem acompanhada do que é dito implica, no caso do texto jornalístico, não só atender ao que é dito, mas também, como afirma Marques (2021, p. 150), ao modo como se diz, ao modo como o locutor representa uma verdade, ou melhor, uma vontade de verdade.

Após esse momento, a reportagem apresenta um pequeno trecho, mais precisamente de cinco segundos, da entrevista concedida pelo delegado do caso:

Trecho 4: “[Delegado] Todas as pessoas que trabalham ou trabalharam na escola vão ficar sob investigação. A princípio todos são suspeitos” (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

É evidente que a entrevista com o delegado não durou apenas cinco segundos, mas, como estratégia, o JN escolhe mostrar apenas esse trecho em que o delegado afirma que todos vão ficar sob investigação e, o mais grave, a afirmação “a princípio todos são suspeitos”, que viola o princípio da presunção de inocência, proposto no artigo 5º, inciso LVII da Constituição Federal. É preciso entender que, nesse momento, o delegado é autoridade máxima no caso. Uma afirmação dessa faz parte das estratégias discursivas que constroem um efeito de verdade. Em seguida, Valmir Salaro apresenta outro fato:

Trecho 5: [Valmir Salaro] As crianças foram submetidas a exame de corpo de delito no instituto médico legal. Agora, o mais grave: O IML já adiantou que uma delas foi violentada. *Há oito meses ele sente dores no corpo, já fez vários exames, mas só agora a mãe descobriu a causa, ele foi vítima de violência sexual* (Escola Base - Um repórter enfrenta o passado, 2022, grifo próprio).

Segundo Possenti (2021, p. 64), os jornais recorrem constantemente aos discursos de saber que podem ser separados de outros discursos, como os depoimentos, que serão analisados mais à frente. Essa estratégia, na ideia do autor, pode ser vista como indicação do prestígio da ciência ou da verdade. Dessa maneira, no primeiro momento, como construção da verdade, o JN se vale de informações que possuem respaldo científico, ou seja, informações que foram ditas por pessoas qualificadas que falam em nome de uma instituição científica, no caso o IML. Dessa forma, a informação é credibilizada pelo público e, no contexto em que é passada, somada a todos esses fatores que foram analisados anteriormente, causa um efeito de sentido que convence o público de que as crianças foram abusadas.

Além disso, para sensibilizar o público, enquanto o trecho que está em negrito está sendo dito, aparecem imagens das crianças, uma, inclusive, do repórter Valmir Salaro a entrevistando. Mesmo que a imagem do rosto da criança tenha sido borrada, isso fere o que está posto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal de nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que define, em seu artigo 17, o direito à preservação de imagem.

A partir dessa reportagem, evidenciamos que

a produção de discursos e suas formas de circulação são elementos centrais na construção das notícias, sejam falsas ou não. Entretanto, distinguir o funcionamento da construção da notícia – analisando quem a enuncia, em que circunstâncias, de que lugar ela provém e por onde circula – é um ato indispensável para a interpretação dos textos que sustentam ou, em contrapartida, colaboram para derrubar os paradigmas que sustentam as sociedades democráticas (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 73-74).

## 3.2 Depoimentos

Segundo Marques (2021, p. 145),

os modos de “apresentação da informação”, que se pretende objetiva, imparcial privilegiam a “factualidade” como característica de gênero, como consequências ao nível da construção discursiva (Marques, 2013), em particular no modo como locutor dá voz aos outros, no modo como apresenta “a verdade dos outros”. O DR [Discurso Relatado] é um dos procedimentos característicos (Marques, 2021, p. 145).

Com base nisso, uma das estratégias da reportagem para propiciar o efeito de verdade refere-se ao uso do DR (Discurso Relatado). No Caso Escola Base não foi diferente, uma vez que o DR se constitui a partir dos depoimentos dos pais das crianças supostamente abusadas sexualmente, de uma das crianças e do delegado. A análise dos depoimentos dos envolvidos, vale já dizer, demonstrará que o discurso relatado se constrói, como observaremos, a partir do discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre, evidenciando o que Marques (2021, p. 147) afirma acerca da reportagem, isto é, que ela, como característica do discurso jornalista, favorece formas híbridas de discurso relatado, com efeitos pragmáticos e discursivos variados. A seguir, apresentamos os discursos das mães das crianças – já que elas procuraram a mídia para relatar tal caso, dando início a uma série de reportagens sobre o caso –, e um dos pais das crianças.

Trecho 6: “[Mãe 1] Um filho seu é... é levado a fazer uma coisa. Você não sabe. Ele conta, ele chorou. Quantas vezes ele fez isso daí?” (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 7: “[Mãe1] Ele fez um negócio lá e falou assim: ‘Ó, mãe, meu pipi’. Falei: ‘A tia fazia o que com o seu pipi?’, ‘Beijava meu pipi’. Falei assim: ‘Seu pipi crescia?’ Falou assim: ‘Crescia, ficava grandão, do tamanho do homem’” (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 8: “[Mãe 2] Foram tirado fotos eróticas de adultos com ela, em hotel, porque ela me disse que ela havia ido em hotel” (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

No trecho 6, A mãe 1 não deixa claro o que, de fato, havia ocorrido, mas apenas diz que seu filho “é levado a fazer uma coisa”, mostrando-se bastante emotiva, o que vai ao encontro do que Marques (2021, p. 139) pondera sobre a emoção, afirmando que a pós-verdade é governada pelas emoções, as quais vêm primeiro que os fatos e em vez deles. Já no trecho 7, a mesma mãe já descreve um diálogo com seu filho, a partir de um discurso direto, sobre o que havia ocorrido. A mãe vai direcionando a conversa com seu filho para que ele descrevesse o que havia acontecido, isto é, que a professora beijava seu “pipi”; porém, é possível notar que a pergunta da mãe “Seu pipi crescia?” tende a induzir a criança a confirmar um suposto ocorrido. Já no trecho 8, a mãe 2 assevera, com certeza, que foram tiradas fotos eróticas de adultos com sua filha, como se ela, a mãe, pudesse comprovar tal afirmação. Em outro momento, o repórter Valmir Salaro pergunta à mãe 1 acerca do local onde supostamente haveria acontecido o abuso:



Trecho 9: [Valmir Salaro] A senhora acha que o filho da senhora foi levado pra onde?

[Mãe 1] Eu acredito que foi prum hotel, prum hotel distante ou motel, qualquer coisa assim, porque eu perguntei assim: “Entra tio, tia?” Ele falou assim: “Sempre dois, homem e mulher”. Homem e mulher ficou grudado na televisão ou perto de vocês? Ele falou assim: “Perto, junto, junto”. Fizeram sexo na frente das crianças (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

A resposta da mãe não passa de suposição, o que pode ser evidenciado por “Eu acredito”, dando ideia de possibilidade, e intensificado por “qualquer coisa assim”, o que deixa claro não passar de uma suspeita. A justificativa da mãe de dizer que seu filho foi abusado em um hotel, motel ou “qualquer coisa assim” não se sustenta, pois dizer que havia um homem e uma mulher junto das crianças não necessariamente se trata de um hotel ou algo semelhante. A partir dessas informações, a mãe depreende que “Fizeram sexo na frente das crianças”. Além das mães, um dos pais também dá depoimento para o jornal, como se nota a seguir:

Trecho 10: [Pai] Ele chegava em casa reclamando de muita dor de cabeça, ruim de estômago, tinha até dificuldade de ir no banheiro, parece que ele tinha medo de ir no banheiro. Não pensei que era alguma coisa assim. Levei no médico tudo, mas não foi constatado nada, não é assim, pegar alguma gripe. Ah, daí quando segunda-feira houve esse caso na delegacia, eu fui averiguar o que era. Aí eu soube desse motorista, o Maurício, que tava sendo acusado de prática com crianças, ele e os proprietários da escola. (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 11: [Pai] Ele falou que só tava ele e duas menina. Aí depois, que ele tá, foi e começou a beijar as menina. E toda vez que a gente tivesse apontando o assunto em casa, ele fica mudando de assunto. (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

No trecho 10, o pai relata como seu filho estava agindo e nada era constatado mesmo o levando ao médico. Contudo, quando teve conhecimento do suposto abuso, ele inferiu que seu filho agia daquela forma por ter sido abusado sexualmente pelo Maurício, motorista da Kombi. No trecho 11, em discurso indireto, o pai fala o que o filho lhe relatou sobre o suposto abuso, a saber, que estava ele e duas meninas e que o Maurício começou a beijar as meninas. Essa vontade de verdade é reforçada pelo comportamento da criança, isto é, não querer falar sobre o assunto, atitude que é comum quando uma pessoa passa por uma situação desconfortável e/ou traumática. Além dos pais, o JN também expõe o depoimento do menino envolvido no caso. A seguir, seguem alguns recortes do depoimento dele:

Trecho 12: [Valmir Salaro] Ele tirou sua roupa?

[Criança] Tirou.

[Valmir Salaro] E depois, o que que aconteceu?

[Mãe] Alguém te beijou?

[Criança] Beijou.

[Mãe] Quem beijou?

[Criança] Uma mulher.

[Mãe] Que jeito que era a mulher?

[Criança] Olhinho puxado.

[Mãe] De olhinho puxado? E depois? Ela tirou sua roupa e depois que que aconteceu?  
[Criança] Ela me beijou.  
[Mãe] Beijou que jeito você? Segurou você na mão?  
[Criança] É.  
[Mãe] E depois?  
[Criança] Me jogou no chão (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 13: [Repórter] Agora, essa mulher adulta deitava em cima de você?  
[Criança] Deitava.  
[Repórter] O que que ela fazia? O que que ela queria?  
[Criança] Me beijar.  
[Repórter] Te beijar a boca?  
[Criança] É.  
[Repórter] Tinha fotografia?  
[Criança] Tinha (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

É possível perceber que, nos dois trechos anteriores, a criança é induzida a apenas confirmar perguntas, sendo que, em momento algum, ela nega qualquer uma delas. Como se nota, na maioria das vezes, a criança somente confirma a pergunta usando uma forma verbal, como “Tirou”, “Beijou”, “É”, “Deitava”, “Me beijar”, “É” e “Tinha”, sem dar muitos detalhes. Uma parte que nos chamou atenção é que, no trecho 12, Valmir Salaro pergunta à criança o que aconteceu depois que sua roupa foi tirada, mas a criança não responde; porém, sua mãe pergunta se alguém o beijou, e ele afirma dizendo “Beijou”, o que confirma nossa hipótese de que a criança era induzida a apenas a confirmar as perguntas.

Apesar de o depoimento dos envolvidos no caso ser relevante, principalmente das crianças, embora essas tenham dificuldades para narrar um ocorrido, ainda mais em se tratando de abuso sexual, a mídia não pode se fundamentar apenas em palavras sem que haja provas concretas. Com isso, como estratégia discursiva para a construção de vontade de verdade, o JN também recorre ao depoimento do delegado Edécio, responsável, num primeiro momento, pelo caso. Essa estratégia da mídia é bastante pertinente, haja vista que a imprensa recorre ao discurso de uma autoridade, neste caso, um delegado, para legitimar o suposto abuso.

Trecho 14: [Repórter] *O senhor tá convencido de que houve práticas libidinosas?*  
[Delegado] Ah, isso já está provado (Escola Base - Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 15: [Repórter] O senhor encontrou alguma foto, algum vídeo que comprometesse esses... essas seis pessoas?  
[Delegado] Até o momento, não.  
[Repórter] Agora... então cê tá... o senhor tá fazendo desse crime uma prisão preventiva em cima dos depoimentos que o senhor colheu?  
[Delegado] Isso.  
[Repórter] Nada além disso?  
[Delegado] Não (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 16: [Delegado] Nós estamos falando de prova, prova, prova, prova, prova. O inquérito tem a prova.

[Repórter] Doutor, o casal tá preso injustamente?

[Delegado] No meu entendimento, não (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 17: [Repórter] As fitas que eles encontraram... que a polícia encontrou na casa do casal só tinha o casal numa festa de aniversário com o filho. Quais são as outras provas?

[Delegado] Ah, vocês sabem, eu tenho laudos, tenho depoimentos. Estou praticamente montando o inquérito.

[Repórter] Mas é o depoimento do garotinho de quatro anos dizendo que era o pai do Renato, é só isso?

[Delegado] Se eu não considerar os depoimentos e as declarações das vítimas, eu vou considerar o que no inquérito? (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Trecho 18: [Repórter] Delegado, existem fatos que o senhor tá aguardando, escondendo, tentando manter em sigilo pra que não prejudicar as investigações? Inclusive, nem tá mostrando nem para os advogados de defesa?

[Delegado] É... é uma... uma pergunta... delicada, que pro futuro a gente deixa pra responder (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

No trecho 14, ao ser perguntado se estava convencido de que houve práticas libidinosas, o delegado afirma que “isso já está provado”, deixando evidente que não se trata de um juízo de valor, mas, sim, juízo de fato, contribuindo para o efeito de verdade. Todavia, nos depoimentos seguintes do delegado, essa “verdade” não apresenta o mesmo efeito que a apresentada no trecho 14, pois o discurso do delegado não se faz bem fundamentado. No trecho 15, por exemplo, nota-se que não foi encontrada nenhuma prova, fazendo desse crime uma prisão preventiva com base só nos depoimentos colhidos. Já no trecho 16, ao ser perguntado se o casal estava preso injustamente, já que não havia provas, o delegado afirma que, no seu entendimento, não, deixando evidente um juízo de valor e, conseqüentemente, um desejo de verdade. O discurso do delegado vai ficando com pouco embasamento, pois as fitas encontradas na casa do casal só tinham o casal numa festa de aniversário com o filho, e o delegado só tinha os depoimentos e as declarações das vítimas e um laudo, que, vale dizer, era de teor duvidoso. Um repórter pergunta ao delegado se existem fatos que ele está aguardando, escondendo, tentando manter em sigilo para não prejudicar as investigações, e o delegado considera a pergunta do repórter uma pergunta delicada, “que pro futuro a gente deixa pra responder”, deixando dúvidas acerca do caso e, por conseguinte, fazendo com que o efeito de verdade se atenuasse. Os vários depoimentos do delegado, embora tendam a uma vontade de verdade, evidenciam momentos que se cruzam e outros que se excluem, revelando o que Foucault (2011) expõe em relação a isso, ou seja, que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 2011, p. 52-53). Após os depoimentos do delegado, ele foi afastado do caso.

Já os donos da escola, a professora e o motorista, acusados de abuso, não foram ouvidos e, além disso, outro casal aparece sendo acusado de participar de orgias com as crian-

ças dizendo, para a imprensa, que nada foi investigado da vida deles e que sua companheira ainda não tinha sido ouvida, mas, mesmo assim, estavam sendo presos, procedimento que vai de encontro à afirmação de Possenti (2021, p. 60), que aponta que os repórteres investigam o passado do acusado, os empregos em que trabalhou, sua renda, sua residência.

Trecho 19: [Homem] Não investigaram nada da minha vida, não investigaram nada dela e acho que não investigaram nada de ninguém, bicho. Eu falei toda a verdade no meu depoimento. Ela não falou nada ainda e tá sendo presa! (Escola Base – Um repórter enfrenta o passado, 2022).

Vimos que os depoimentos, ou melhor, os discursos nada mais são do que, como defende Foucault (2011, p. 49),

a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault, 2011, p. 49).

Assim, a partir dos depoimentos, evidenciamos que “a construção social da realidade assentaria na recusa da existência de uma verdade, ‘apenas haveria versões e interpretações alternativas’ (como se refere na chamada para o evento em curso), dado que os discursos não replicam a verdade, constroem-na” (Marques, 2021, p. 138). Assim, o efeito de verdade, conforme Marques (2021, p. 149), é garantido tanto pela pluralidade de vozes quanto pela construção discursiva que favorece o apagamento enunciativo do locutor, neste caso, o repórter Valmir Salaro.

### 3.3 Jornais

Como já dito, após a primeira reportagem exibida no JN, a Escola Base não saiu da mídia. Assim como diversas emissoras, os jornais e as revistas também passaram a noticiar o caso. A seguir selecionamos alguns jornais e revistas e os seus respectivos títulos e subtítulos.

Quadro 1 – Jornais e revistas e os seus respectivos títulos e subtítulos

Jornal/Revista	Título	Subtítulo
Jornal São Paulo	Escola é acusada de prostituição	Menino de 4 anos, vítima de abuso sexual, diz que tirou fotos nu com professoras; diretora nega
Notícias Populares	Mistérios enrolam o caso da escola do sexo da Aclimação <sup>2</sup>	“meu filho foi violentado, tenho certeza”, diz mãe de aluno
Notícias Populares	Kombi era motel na escolinha do sexo	

<sup>2</sup> Bairro de São Paulo (SP) onde a escola era localizada.

Veja	Uma escola de horrores	mães acusam uma creche de São Paulo de promover orgias sexuais com crianças de 4 anos de idade.
O Estado de São Paulo	Escola é acusada por mais abuso	
Folha de São Paulo	Polícia suspeita que escola drogava crianças de 4 anos	
Notícias Populares	Tortura na escolinha do sexo	Escola usava crianças para filme pornô

Fonte: Elaborado pelos autores

Com esses títulos e subtítulos, é possível perceber que esses veículos, com a proposta de construção da vontade de verdade, além de vender seu produto, é claro, utilizam a estratégia de se aproximar de seu leitor. Para isso, fazem o uso de expressões do senso comum (sexo, filme pornô, orgias sexuais, prostituição, motel, etc.) e que escandalizam, dado o contexto ao qual estão vinculadas, no caso, o ambiente educacional. Além disso, sem nenhuma apuração ou prova dos abusos, a escola foi taxada, por diferentes jornais, de forma pejorativa e sensacionalista como “escolinha do sexo”.

O jornal *Notícias Populares* de junho de 1994, cujo título é “Mistérios enrolam o caso da escola do sexo da Aclimação”, assim como os outros, teve como estratégia, inicialmente, a utilização de um vocabulário popular e que estava sendo muito utilizado no momento “escola do sexo” e, no subtítulo, tenta legitimar esse fato trazendo um trecho do depoimento da mãe, alguém que, no contexto, passa credibilidade, dizendo que tem certeza de que seu filho foi violentado.

## 4 Considerações finais

A partir da reportagem primeira, na qual Valmir Salaro foi pioneiro, e outras reportagens que também cobriram o Caso Escola Base, várias consequências foram ocasionadas tanto na vida dos envolvidos quanto da sociedade em geral daquela época. Além de serem considerados culpados pelo delegado e, até mesmo, pela população, os acusados sofreram diversas consequências por conta do suposto abuso. Eles tiveram danos materiais, uma vez que a escola e suas casas foram depredadas pelo povo; financeiros, posto que tiveram que investir em advogados para defendê-los; e morais e psicológicos, visto que eles foram afetados moral e psicologicamente. Contudo, não só eles sofreram com tal repercussão, mas também sua família, pois seus filhos, ainda crianças na época, sofreram exclusão na escola. Além disso, até os perueiros de todo o país passaram a ser investigados, a fim de apurar se não ocorriam outros casos de abuso contra criança no país.

Assim, com base na análise do *corpus* em questão, podemos evidenciar que, para constituir a vontade de verdade, “de um lado, há depoimentos de familiares e conhecidos [...], que permitem hipóteses ou especulações ‘legais’ [...]. Do outro lado, estão pareceres médicos e psiquiátricos, os laudos” (Possenti, 2021, p. 62). Além do mais, também foi possível explicitar que o locutor, mais precisamente o repórter Valmir Salaro, juntamente com toda a imprensa, “não é apenas o garantidor da verdade – a sua e a dos outros – é também responsável por uma ação avaliadora que orienta argumentativamente o seu discurso” (Marques, 2021, p. 143). Vale

dizer que, se os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos, como pontua Foucault (2011, p. 57-58),

certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (Foucault, 2011, p. 57-58).

Dessa forma, o discurso, segundo Marques (2021, p. 140), não serve apenas para expressar em palavras uma verdade e, portanto, para colocá-la em cena, mas serve igualmente para construir uma avaliação subjetiva efetiva e/ou axiológica”.

Em suma, podemos verificar que a “vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Foucault, 2011, p. 18). Com isso, se, na década de 1990, em que o acesso à informação não era tão abrangente como atualmente, a disseminação de um suposto abuso sexual contra crianças de 4 anos de idade acarretou consequências drásticas aos envolvidos, sobretudo aos acusados, hoje esse problema apresenta configurações maiores.

Em pleno século XXI, em que a disseminação de informações chega a qualquer parte do mundo em questões de segundos, em razão da Era Digital, vemos que, além da mídia de massa, as redes sociais também são esse campo que visa a disseminar informações que apresentam uma vontade de verdade. Essa vontade de verdade se constitui em discursos mais variados, tais como do senso comum, científico, político, religioso, entre outros, podendo esses, inclusive, afetar um indivíduo, um grupo ou, até mesmo, um país, como podemos verificar no Caso Escola Base. Por isso, a “checagem de fatos capazes de distinguir informações qualificadas e boatos, notícias falsas e outros gêneros de conteúdo enganoso que passaram a proliferar no ambiente caótico das mídias sociais e das redes em geral” (Sargentini; Carvalho, 2021, p. 80) se faz necessário para reconhecermos a vontade de verdade dos discursos e os efeitos que essa vontade pode acarretar.

## **Declaração de autoria**

Este artigo foi produzido de forma colaborativa pelos dois autores no âmbito da disciplina “Da língua ao discurso: teorias e práticas analíticas”, do Programa de Pós Graduação em Letras da PUC-Minas. Leandro Martins de Sousa realizou a pesquisa e a redação do texto. Mariana Queiroga Gomes realizou a pesquisa e a redação do texto.

## Referências

- BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- ESCOLA Base: falsa acusação que marcou o país vira documentário. *Aventuras na História*, 2022. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-que-foi-o-caso-escola-base-fake-news.phtml>>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- ESCOLA Base - Um repórter enfrenta o passado. Direção: Caio Cavechini e Eliane Scardovelli. Produção: Ali Kamel, Erick Brêtas, Ricardo Villela. Globoplay. 2022. (106 min.)
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- MARQUES, M. A verdade dos outros: questões de responsabilidade enunciativa. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 135-152.
- POSSENTI, S. Jogos de verdade: uma questão para a análise do discurso. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 59- 71.
- SARGENTINI, V.; CARVALHO, P. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das *fakenews*. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 73-85.
- SOUSA, M. Mídia: o Quarto Poder e seus perigos. *Terraço econômico*, 2021. Disponível em: <<https://terraceconomico.com.br/midia-o-quarto-poder-e-seus-perigos/>>. Acesso em: 1 dez. 2022.